

NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

A África, o mundo árabe e a humanidade progressista de luto

MORREU O PRESIDENTE BOUMEDIENE

- Rabah Bitat nomeado Presidente Interino ● Funeral marcado para Sexta-feira
- Luiz Cabral chefia a nossa delegação ● Conselho de Comissários decreta três dias de luto nacional

○ exemplo de um revolucionário

Com o desaparecimento de Houari Boumediene virá-se uma página da História da Argélia, tão grande foi a sua identificação com a sua época e com o seu país.

Para os que de perto lidaram com Boumediene este era um «homem de ferro». Ele confundiu-se com a imagem que o povo argelino tinha do militante no período da luta de libertação, aquele que deve dar tudo — absolutamente tudo — à causa do seu povo.

A imagem que os combatentes africanos guardam de Boumediene, quando ele não era senão o chefe do Estado Maior do Exército de Libertação Nacional é a de um asceta, um desses monges da idade média, magro, olhar visionário, falando somente para dizer o essencial e raramente esboçando um sorriso tímido.

Nasceu de uma linhagem de camponeses pobres constringidos, desde séculos pela natureza hostil, a uma vida rude, sem descanso e sempre exposta às violências dos invasores — uma população de resistentes tradicionais radicados a leste da Argélia.

A sua infância, a sua adolescência confundem-se com as dos habitantes de Guelma, onde nasceu. Os seus primeiros passos de homem adulto, conduzem-no como a muitos da sua geração, ao Movimento Popular Nacionalista, que então nos anos imediatos à Segunda Guerra Mundial — desenvolvia uma dupla luta contra o poder colonial francês: uma, aberta, violenta, reivindicativa, e outra, clandestina na qual se forjavam os militantes da futura luta armada.

É entre os clandestinos que se encontra o futuro Boumediene — nome de guerra, o de um santo que também foi um político venerado, há séculos, na região de Tlemcen. Boumediene é militante do Partido do Povo Argelino cujos líderes irão desencadear a insurreição nacional no dia 1 de Novembro de 1954 e fundar a Frente de Libertação Nacional — o FLN.

Rapidamente, o militante clandestino é enviado ao Cairo para seguir estudos numa Academia Militar. No final de 1955 regressa a Argélia a bordo de um barco que transportava as primeiras armas para a região da Orânia que confina com o território marroquino. Ele torna-se, então, o adjunto militar do comandante regional do Exército de Libertação.

De organizador de bases da rearguarda do ELN passa a Chefe de Estado Maior nomeado pelo Governo provisório da República Argelina que acaba de ser constituído em Tunis.

Em 1961, um ano antes da independência, e face à situação interna do FLN que se degrada e aos massacres da população argelina, Boumediene lança aos militantes, mas sobretudo aos dirigentes do Governo provisório um apelo ao rigor revolucionário e ao respeito aos princípios em nome dos quais o povo argelino se sacrificava. Registava-se então mais de um milhão de vítimas causada pela guerra.

Nas vésperas da independência Boumediene toma partido, pelos revolucionários da região de Orânia onde se encontrava.

Quando a República Argelina Democrática Popular é proclamada em 1962, Houari Boumediene é designado

(Continua na pág.º 8)

Uma importante delegação da Guiné-Bissau chefiada pelo Secretário-Geral Adjunto do PAIGC e presidente do Conselho de Estado, camarada Luiz Cabral, representará oficialmente, amanhã o nosso partido e Estado nos funerais nacionais do presidente da República Argelina, Houari Boumediene, falecido ontem de madrugada no hospital Mustapha de Argel, após uma longa agonia de seis semanas.

O Conselho dos Comissários de Estado decretou a partir de ontem luto de três dias em todo o território nacional, enquanto o camarada Luiz Cabral enviou um telegrama de condolências ao presidente da Assembleia Nacional argelina, Rabah Bitat, nomeado o interinamente presidente da República por um período máximo de 45 dias.

No seu telegrama, o presidente Luiz Cabral declarou-se profundamente

emocionado pela triste notícia da morte do nosso irmão e amigo Houari Boumediene», e exprimiu «ao Conselho da Revolução, ao governo argelino, e ao partido — FLN sentimentos de condolências e de solidariedade do nosso povo».

Em Argel, o presidente interino apelou no seu discurso de investidura o povo argelino «à disciplina, ao civismo e ao patriotismo» a fim de «superar o doloroso acontecimento que afecta a Argélia».

Perante os deputados, membros do Conselho da Revolução e do governo, membros do corpo diplomático acreditado na Argélia e os representantes do exército e das organizações de massa do partido, Rabah Bitat compromete-se a respeitar o juramento constitucional e «o carácter irreversível do socialismo, da independência nacional e a integridade territorial do país».

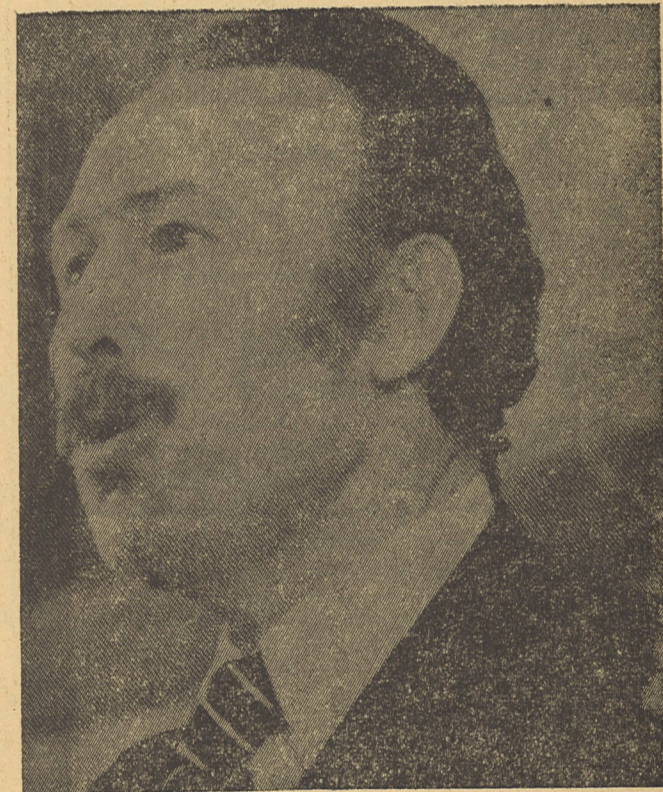
Na sua primeira visita a Carache

Luiz Cabral amnistia 83 internados

Numa breve visita que fez na tarde de sábado ao centro de reabilitação de Carache, o presidente do Conselho de Estado, camarada Luiz Cabral, amnistiou 83 dos 96 presos que ali se encontravam internados. O camarada presidente explicaria a atitude tomada como sendo a vontade do Partido e do Governo em ajudar todo o homem e toda a mulher a recupe-

rar-se e torná-los elementos úteis à nossa sociedade.

Acompanhado pelo camarada Umarú Djaló, comissário de Estado das FARP e de uma delegação do Comissariado da Justiça, chefiada pelo respectivo comissário, camarada Fidélis Cabral D'Almada, Luiz Cabral visitou oficialmente e pela primeira vez a ilha de Carache onde se encontra o centro de rea-



A morte do chefe de Estado argelino foi sentida dentro e fora da Argélia. Enquanto um luto nacional de 40 dias vigora no país, vários telegramas de condolências vêm chegando a Argel,

enviados por chefes de Estado, de governo e personalidades de África, mundo árabe, Europa, Ásia e América.

Combates em Salisbúria

Pág-7

Relações Guiné-Bissau Senegal

(Pág-6)

LIA retoma voos para Cabo Verde

(Pág-2)

(Continua na pág.º 8)

Apelo ao trabalho nos bairros

Camarada Director

Com esta carta, quero preencher a coluna dos leitores com um tema que é bastante importante. Trata-se da fraca participação da juventude nos problemas que afectam os nossos bairros.

Este apelo vai principalmente para os jovens do bairro Reno-Gambiafada mas não deixa de ter a sua importância para os dos restantes bairros, tanto para os que participam como os que estão nas mesmas condições do bairro de Reno-Gambiafada.

Isto veio à tona porque sem um trabalho sério da juventude, tornar-se-à difícil o desenvolvimento dos bairros. E, sendo os jovens a única garantia de continuidade da nossa revolução, devem antes de tudo começar a interessar-se e a preocupar-se com os problemas que surgem nos bairros. Porque estando a par dos trabalhos do bairro, a juventude garantirá, antes de tudo, o sucesso da luta da Reconstrução Nacional.

Digo isto porque através da conversa que tive com alguns jovens do bairro Reno-Gambiafada, constatei que a participação da juventude deste bairro é totalmente nula e de que lá não existe qualquer comissão da organização da nossa juventude (J.A.A.C.) ou, se por acaso existe, não está, neste momento, a desempenhar qualquer função na mobilização da massa Juvenil do bairro.

Na minha opinião, nenhum bairro pode ter um grande desenvolvimento sem a participação da juventude. Portanto, para engajá-la nos trabalhos dos bairros, é necessário um duro trabalho de mobilização, tanto da parte do Comité do bairro como da J.A.A.C., para que o sucesso seja enorme. E, como consequência deste trabalho conjunto, será dado um grande passo para a Reconstrução Nacional.

Para isso, a juventude tem que fazer um trabalho colectivo e de sacrifício, juntamente com as organizações do bairro para levar avante o trabalho do bairro.

ANMARTA SEIDY

Pedido de correspondência

Do nosso leitor Alfredo Dombe «Consequências da Guerra», recebemos uma carta, com pedido de correspondência, na qual manifesta o desejo de se corresponder com jovens da Guiné-Bissau, de ambos os sexos e de idade compreendida entre 18 e 22 anos, para troca de ideias e amizade.

Para os interessados, eis a sua direcção:

Alfredo Dombe «Consequências da Guerra»
Caixa-Postal 141

LIA retoma voos quinzenais para Cabo-Verde

Após uma visita de nove dias a Cabo Verde, no quadro de cooperação existente entre os nossos dois países, regressou a Bissau, no passado sábado, o camarada Manuel Santos, do Conselho Superior de Luta do PAIGC e Comissário de Estado dos Transportes e Turismo, acompanhado pelo camarada Braima Camará (Dakar), do CSL do Partido e director nacional dos portos.

Em Cabo Verde, a nossa delegação foi recebida pelo camarada Herculano Vieira, membro do CSL e Ministro dos Transportes e Comunicações da República irmã.

Durante a sua estadia, a nossa delegação visitou os diversos sectores do Ministério dos Transportes e Comunicações, tendo os respectivos responsáveis explicado a organização e o funcionamento dos serviços.

No decurso dos trabalhos, foram abordados aspectos ligados à concretização das resoluções da primeira comissão mista efectuada em Fevereiro do ano em curso, nos diversos sectores.

No sector da Marinha as duas delegações reafirmaram a posição dos seus respectivos países relativamente a adesão às convenções marítimas internacionais, a integração na Conferência Ministerial dos Estados da África do Oeste e do Centro, a harmonização da legislação marítima.

No domínio portuário, a delegação caboverdeana referiu-se à intenção de se promover um estudo para a transformação da Junta Autónoma dos Portos de Cabo Verde em empresa pública de exploração portuária. Por

outro lado, informou da dinâmica que se vem imprimindo ao nível sectorial de forma a permitir uma recolha de elementos para uma análise mais pormenorizada e com vista a essa transformação.

No que concerne aos transportes marítimos, a nossa delegação visitou a sede da Companhia da Arca Verde e da Nagueicave, tendo sido informada detalhadamente sobre o funcionamento, as realizações, os problemas e as perspectivas das companhias.

Quanto à Nagueicave, companhia de navegação dos nossos dois países, a delegação caboverdeana

teceu algumas considerações sobre a companhia e analisou conjuntamente com a nossa delegação assuntos de ordem financeira e pessoal.

A nossa delegação visitou ainda todas as secções dos Transportes Aéreos de Cabo Verde, tendo abordado alguns pontos de interesse para os TACV e a companhia aérea do nosso país (LIA). As duas partes concordaram em que os TACV manterão os seus voos quinzenais, devendo a LIA passar a operar com a mesma periodicidade. No domínio da aeronautica e da meteorologia, as duas partes

concordaram em retomar as conclusões da comissão mista, aquando da reunião do passado mês de Fevereiro.

No final dos trabalhos o ministro Herculano Vieira informou o seu homólogo da posição do Governo de Cabo-Verde relativamente à adesão à Conferência Ministerial dos Estados da África do Oeste e do Centro (CMEAOC) tendo-se procedido a uma análise das resoluções da primeira Conferência dos Ministros de Transportes e Comunicações dos países de expressão portuguesa, realizada este ano em Bissau.

Delegação da UNTC - deixa o nosso país

Uma delegação da UNTC, (Central Sindical caboverdeana) que participou nos trabalhos da primeira Conferência da UNTG, partiu na manhã do passado sábado para aquele país irmão.

Esta delegação era chefiada pelo camarada Pedro Rodrigues e inte-

grada pelo camarada António Filomeno, respectivamente membro do Secretariado Executivo e da Comissão Executiva Nacional da UNTC.

Momentos antes da sua partida o camarada Pedro Rodrigues, que assistiu aos trabalhos da primeira Conferência da UNTG declarou que as

resoluções emanadas da mesma traduzem uma grande vitória para os dois países.

Ainda falou sobre a Emulação Patriótica afirmando que é uma iniciativa nova que deve ser estudada como experiência a ser transmitida aos trabalhadores do país irmão.

Recolha de moedas

Conforme noticiámos, o Banco Nacional da Guiné-Bissau fixa para 31 de Dezembro de 1978, o termo do prazo para a recolha das moedas expressas em escudos. Entretanto, este departamento solicita a todos os estabelecimentos comerciais ou entidades privadas do país, a sua colaboração na troca ao público das antigas moedas, comprometendo-se a fazer a sua recolha até ao dia 3 de Janeiro de 1979.

1.º Encontro da Petrogal

A convite da Petrogal (Petróleos de Portugal), o nosso país participou no primeiro encontro daquela empresa pública portuguesa, realizado em Lisboa, representado pelos camaradas Pio Correia, director da Petrominas e Valdemar Oliveira, director da Dicol (Empresa Mista de Distribuição de Combustíveis). Durante os trabalhos do encontro foram abordados diversos aspectos ligados às actividades da empresa, que surgiu da difusão das antigas empresas, Sonap, Sacor, Petrosul e Sidla.

O primeiro encontro da Petrogal foi igualmente aproveitado para a apresentação de uma nova marca unificada de combustível lubrificante. Recordamos que a Petrogal tem 30 por cento de acção na Dicol. À margem da reunião, o Conselho Administrativo da Dicol, que é constituído pelos camaradas Pio Correia e Valdemar de Oliveira e por um representante da Petrogal, discutiu algumas questões referentes ao melhoramento da referida empresa.

Responde o povo

Que sabe do trabalho dos bombeiros?

O nosso inquérito de hoje visa colher as opiniões de alguns populares sobre a actuação dos Bombeiros Humanitários de Bissau. Como se sabe, é de transcendente importância o serviço que o corpo do exército da paz tem prestado à Sociedade. Desde as operações de salvamento até à extinção de incêndios.

Sobre as suas actividades, os nossos conhecimentos quase que se limitam, como pudemos constatar nas respostas dos nossos inquiridos, no combate ao fogo. No entanto, por uma conversa que tivemos com o comandante dos B.H.B., ficamos a saber que os bombeiros são chamados para muitas outras tarefas.

NUNCA ESQUECEREI O SERVIÇO QUE ME PRESTARAM

Maria Deolinda Tavares, 25 anos, doméstica — Para mim, a importância dos Bombeiros Humanitários de Bissau,

reside precisamente na nobre tarefa que aqueles soldados da paz desempenham, e que consiste sobretudo em servir melhor a humanidade. Nunca esquecerei o grande serviço que me prestaram há bem pouco tempo,

quando estava grávida. Estava em casa apenas com os meus filhos, quando começou a doer-me a barriga. Para ir a maternidade, recorri primeiramente aos táxis, mas nada consegui. No entanto, ao telefonar para o serviço de escuta dos bombeiros, passaram apenas uns minutos para que a sua equipa de evacuação estivesse em minha casa. Se não tivesse sido intervido, correria o risco de dar à luz em minha casa, sita no Bairro de Ajuda. E quem sabe os riscos que poderia correr?

Por outro lado, não são de menosprezar as várias intervenções que

os bombeiros têm feito na extinção de incêndios. Recordo-me, por exemplo, daquela queimança que arrasou quase todas as casas do Bairro de Cupelão. Os bombeiros tiveram que correr grandes riscos para evitar o pior.

POUCA COISA SEI DOS BOMBEIROS

Malam Cissé Djancó, 47 anos, residente em Buruntuma — Pouca coisa tenho a dizer sobre os Bombeiros Humanitários de Bissau. Aliás, não é por acaso que lhe atribuíram o nome de Bombeiros Humanitários de Bissau, pois, é precisamente aí (Bissau), o

local onde essa corporação existe e onde têm exercido mais as suas funções. Quer dizer que na minha terra — Buruntuma (Sector da Região de Gabú) — não existe nada disso.

Já agora, aproveito esta oportunidade para apelar aos nossos responsáveis regionais para que solicitem ao nosso Governo a instalação de, pelo menos, um posto de bombeiros no sector de Gabú.

AO SERVIÇO DE TODOS

João Alfredo da Silva, 18 anos, estudante — Para falar da importância dos bombeiros têm feito

dos Bombeiros Humanitários de Bissau, torna-se indispensável conhecer todas as suas actividades, das quais quem beneficia somos todos nós. Quero destacar as inúmeras evacuações, quer de doentes e de feridos a qualquer hora do dia e da noite para o hospital que os bombeiros têm feito. Temos por outro lado, outros importantes serviços prestados por aquele exército da paz, nomeadamente na extinção de incêndios e garantia de segurança nas salas de espectáculos.

Tudo isso, para mim, se reveste de transcendente importância.

Evacuação de doentes debatida em Conferência de Imprensa

Nunca se evacuou tantos doentes como agora em Cabo Verde — esse foi um comentário que o Ministro da Saúde e Assuntos Sociais Manuel Faustino fez ao abordar, durante uma recente conferência de Imprensa, a questão da evacuação de doentes.

O camarada Manuel Faustino sublinhou que isso se torna possível, porque existe uma preocupação grande por parte do Estado em relação ao problema dos doentes.

No entanto, como existe muito desconhecimento de como se processa a evacuação de doentes, o Ministro dispôs-se a explicar o porquê da morosidade desse processo que, às vezes pronto, fica dependente das condições de receptividade das instituições hospitalares dos países em questão.

Geralmente os cidadãos são contemplados de duas maneiras quando se refere a evacuação como doente. Se é funcionário público, são as finanças públicas que assumem todos os encargos da evacuação. Se a pessoa não tem meios, é o departamento de Assuntos Sociais que se encarrega das despesas da sua deslocação ao estrangeiro.

«A MODA DA EVACUAÇÃO»

«Inclusivamente devo dizer que as nossas preocupações neste momento vão para o número exagerado de doentes que tem sido evacuado para o exterior. Nós pensamos que isso se justifica, por um lado, por uma certa melhoria da rede sanitária, das possibilidades de diagnóstico, mesmo das possibilidades de contactar com o doente, e é lógico que determinados diagnósticos que implicam a deslocação do doente ao exterior, sejam detectados a tempo das pessoas serem evacuadas».

O ministro da Saúde condena, por outro lado, um certo liberalismo que se tem verificado na evacuação dos doentes. Afirma que há um aumento compreensível e que existe também um exagero que não se justifica, pela melhoria em meios materiais e humanos que se pôde registar no campo de saúde em Cabo Verde. Segundo ele, é um problema que diz respeito aos médicos, aos quadros e às pessoas, na medida em que existe uma pressão enorme, no quadro daquilo que ele chama «a moda da evacuação».

«O doente vai à consulta e o médico chega à conclusão que ele deve ser tratado no exterior. O médico propõe que o doente vá a Junta de Saúde, essa observa-o e concorda ou discorda da opinião do médico. Concordando, a junta diz que o doente deve ser evacuado e elabora-se um processo com os dados clínicos, que será remetido ao Ministério para ser homologado pelo Ministro».

No caso do doente ser um funcionário, o processo, parece, tornar-se mais moroso. A homologação deverá ser publicada no Boletim Oficial. E depois segue-se então a compra das passagens e a preparação para a deslocação do doente passa para a Função Pública também leva ao seu tempo, a não ser nos casos de muita urgência. Mas há atrasos. Antes de «dar luz verde» ao doente é preciso que o Ministério da Saúde contacta as instituições que irão receber o doente. Acontece, por vezes, essas instituições não terem essa disponibilidade no momento preciso, e ter-se que esperar.

HOTÉIS DE PRIMEIRA? QUE ABUSO!

Geralmente as evacuações fazem-se para Portugal. O ca-

marada Manuel Faustino criticou severamente o facto de muitas vezes, as pessoas com o mapa da Junta homologado e com as diligências todas feitas, meterem-se no avião e seguirem para Lisboa sem qualquer aviso nem ordem de embarque. Nesse caso a Embaixada não está avisada, o hospital português também não, e o doente não é tratado imediatamente. Por outro lado, insurgiu-se contra as pessoas que sofrendo de casos que dispensam o internamento exigem hotéis de primeira entre outras coisas que sucedem, para desespero de quem leva a sério a austeridade.

As evacuações dos doentes são feitas para Portugal mas como diz o camarada ministro Manuel Faustino, as pessoas devem compreender que nós não temos hospital em Portugal. Por outro lado, já se vai pensando na possibilidade de evacuação para outros países. Neste aspecto, já existe um protocolo de acordo a ser assinado proximamente entre Cabo Verde e a República Democrática Alemã.

COOPERAÇÃO: UM SECTOR DELICADO

Existe m cooperantes da União Soviética, Cuba, Bélgica, Suíça e Alemanha, no que diz respeito a pessoal médico e para-médico.

A questão da cooperação põe certas dificuldades. Segundo o ministro Manuel Faustino, são camaradas que vêm animados da melhor boa vontade para nos ajudar a resolver problemas que o Estado não tem condições de resolver. Põe-se, é certo, o problema da ambientação, da língua, que são impossíveis ignorar. Para além da apreciação positiva da cooperação recebida, há que considerar certas falhas, motivadas por vezes por inaptações de um ou outro cooperante e também falhas resultantes das nossas próprias limitações. O problema da língua realmente existe — disseram Manuel Faustino. Seria preferível ter cooperantes de expressão portuguesa, uma vez que isso facilita imenso a relação doente-médico. Assim uma das alterações que aliás já se encontra em funcionamento, deu-se com os cooperantes da União Soviética com o aumento do tempo de estadia em Cabo Verde.

Há missões de cooperação que vêm a Cabo Verde por um período de um ano. Se se pensar num tempo de adaptação, de conhecimento da realidade, da língua, da psicolo-

gia das pessoas, das estruturas e da política de saúde, veremos que quando chega o tempo da rentabilidade plena, é o tempo da partida da missão.

No entanto, medidas têm sido tomadas para resolver a questão e pensa-se que no próximo ano poder-se-á já contar com cooperantes portugueses no domínio da saúde.

«Quanto a nós, devemos aproveitar-nos da cooperação para nos libertarmos da cooperação» — diria o Ministro da Saúde e Assuntos Sociais, referindo-se à cooperação que oferece bolsas de estudo para medicina, para estudantes caboverdianos. Como é evidente, ter à disposição técnicos nacionais é uma vantagem grande e isso permitirá dispensar a cooperação de técnicos estrangeiros. Porém, a previsão disso não está para os próximos anos. O camarada Manuel Faustino falou em dispensar a cooperação em certos domínios da saúde, não antes de dez anos. Por outro lado confirmou a afluência grande de jovens caboverdianos para estudos de medicina, tendo também acrescentado que se trata de um curso moroso. Dando uma explicação da limitação de concessão de bolsas para medicina, Manuel Faustino declarou que essa medida foi tomada não porque sejam dema-

siados, mas porque no regresso é preciso enquadrar esse pessoal, com o devido equipamento e estruturas, capacidade financeira que não poderíamos ter, mesmo daqui a alguns anos, se continuasse nesse ritmo a distribuição das bolsas para medicina.

IMPORTAÇÃO DE MEDICAMENTOS

Já começaram a ser tomadas as medidas que regularizarão o abastecimento em medicamentos. Uma dessas medidas foi uma intervenção no mercado interno, passando a funcionar duas farmácias do Estado (S. Vicente e Praia).

«Pensamos fazer o seguinte: nacionalizar a importação de medicamentos, o que passa necessariamente pela criação de uma empresa de importação, produção e controlo de medicamentos em Cabo Verde. Creemos que a empresa vai ser criada já no princípio do ano» — revelou o Ministro.

Pensa-se, por outro lado, na possibilidade de descentralizar o abastecimento de medicamentos, criando postos de medicamentos nos diversos concelhos, especialmente nos locais em que os particulares não se mostram interessados nesse tipo de intervenção.

Confecções «Morabeza» expõe no Mindelo

A qualidade dos produtos apresentados na primeira exposição das confecções «Morabeza», realizada no princípio deste mês, na cidade de Mindelo (S. Vicente), excedeu todas as expectativas. Neste primeiro contacto com o público, as confecções «Morabeza» expuseram vários modelos de camisas, calças, blusões, camisetas, entre outros.

Para a maioria dos visitantes, a exposição constituiu uma surpresa pois nem toda a gente acreditava que se pudesse produzir em Cabo Verde vestuário de tão alta qualidade e que não ficam a dever em nada os que até aqui têm sido importados.

A fábrica dispõe neste momento de setenta padrões diferentes de tecidos, com uma média de

três cores cada um, permitindo a confecção de cerca de duzentos artigos diferentes. A sua capacidade de produção diária é de cerca de quinhentas unidades, entre camisas, calças e saias, empregando um total de cento e vinte pessoas.

Neste momento, a «Morabeza» vai poder satisfazer algumas encomendas do mercado nacional. No futuro serão tentadas formas de exportação, de parceria com firmas estrangeiras que possam contribuir com parte da produção. Entretanto, segundo informações colhidas junto dos responsáveis, a firma pensa realizar uma exposição dos seus artigos na cidade da Praia, em meados de Janeiro.

Rádio S. Vicente

A 9 Dezembro passou mais um aniversário, o quarto, da ocupação da então Rádio Barlavento pelo povo de S. Vicente.

Este acto de coragem e de determinação veio pôr fim à acção de um bando de fantoches neo-colonialistas que se serviam da-

quela estação emissora para radiodifundir a sua propaganda vincadamente reacção e caluniosa, tendo por objectivo último a divisão do nosso povo e o seu desvio do caminho revolucionário que o conduziria à independência e à libertação total.



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

VIII. O OITAVO ANO DA LUTA ARMADA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (*)

INTRODUÇÃO

Mas esta política não deu os resultados esperados. E isso, devido a vigilância do nosso Partido, ao alto nível de consciência política atingido, em geral, pelas populações, inclusivamente pelas zonas ainda ocupadas, e a intensificação da nossa acção armada, nomeadamente os ataques contra os centros urbanos.

Por outro lado, a liquidação de três comandantes do Estado-Maior e a morte por crise cardíaca do comandante militar Brigadeiro Castro Nascimento, privaram o Governador dos seus principais colaboradores, os quais eram os especialistas da nova política de tentativa de subversão das bases da nossa luta, os cabecilhas da guerra psico-social. Compreende-se muito bem a situação difícil na qual se encontra no nosso país o actual chefe dos colonialistas que, segundo informações provenientes de Lisboa, só continua a ocupar o seu posto porque o Governo de Marcelo Caetano não tem mais possibilidade de escolha na matéria.

Na Guiné, o nosso combate pela independência e pelo progresso desenvolve-se com êxito. Os nossos combatentes, que em 1969 puseram fora de combate cerca de 1500 militares inimigos, mortos e feridos, reforçaram a sua acção em todas as frentes no decurso do ano findo. Infligimos aos colonialistas perdas mais importantes não só em quantidade mas também em qualidade, pois tanto liquidámos alguns dos principais quadros da sua guerra que os colonialistas fazem ao nosso povo, como alguns dos principais colaboradores africanos que os servem na sua política de mentiras e de calúnias visando destruir a nossa luta.

Enfrentando com coragem os actos criminosos dos colonialistas, que reforçaram os bombardeamentos com «napalm» e os assaltos terroristas contra as populações, consolidámos o nosso Estado e a administração nas regiões libertadas, reforçámos a nossa actividade tanto no plano político como no da reconstrução nacional.

Tendo conseguido obter produtos alimentares (sobretudo arroz) numa quantidade suficiente para manter a elevação constante do ritmo da luta, as populações beneficiaram duma maior quantidade de artigos de primeira necessidade. Foram postes a disposição dos milhares de alunos das nossas escolas novos manuais e outro material, em quantidades mais elevadas do que antes. O abastecimento dos hospitais e postos sanitários foi melhorado.

(*) Relatório sobre a situação da luta, Janeiro de 1971.

Bombeiros Humanitários de Bissau

SERVIR CADA DIA MAIS E MELHOR A SOCIEDADE
É A NOBRE MISSÃO DOS SOLDADOS DA PAZ

Para muita gente, um bombeiro não passa de um indivíduo cuja ocupação consiste somente no combate aos incêndios. Ignoram que um soldado da paz (bombeiro) tem como principal objectivo servir cada dia mais e melhor a humanidade.

No nosso caso concreto, um bombeiro é um indivíduo, que em conformidade com o seu lema «Vida Por Vida», dá o máximo de si mesmo para o bem do nosso povo. Participando activamente nas operações de salvamento, extinção de incêndios, evacuação de doentes e feridos a qualquer hora do dia ou da noite para o hospital, assim como em várias outras actividades de salvamento, garante a segurança na ponte cais, na sala de espectáculos, e outros locais onde a vida do público possa estar em perigo e presta assistência aos aviões no aeroporto de Bissalanka.

Para melhor elucidarmos os nossos leitores, contactamos o comandante dos Bombeiros Humanitários de Bissau, camarada João Zacaria António Pereira, um homem com longos anos de actividade e de experiência neste domínio. Durante o nosso diálogo, abordámos vários aspectos, nomeadamente os tipos de intervenções para que têm sido mais solicitados, as estruturas internas e os meios de que dispõem.

Para além da unidade de Bissau que conta 69 bombeiros, existe um posto fixo, confiado a 6 homens, na antiga capital do país (Bolama), onde foi criada a primeira unidade de bombeiros na nossa terra.

A tarefa em que os nossos soldados da paz intervêm com mais frequência é a dos serviços de evacuação. Na época das chuvas, as operações de extinção de incêndios são menos frequentes. «Intervimos mais na ex-

tinção de incêndios provocados por curtos-circuitos, pela explosão de fogões a gás, etc. Na época seca, não só intervimos nos três primeiros casos atrás citados, mas também, com muita frequência, na extinção de incêndios de casas, operações de salvamento e outros casos» — afirmou-nos o comandante João Zacaria Pereira, para em seguida sublinhar:

«Há pessoas irresponsáveis que só por sabermos que os bombeiros fazem os serviços de evacuação aos indivíduos em estado grave, aproveitam-se deste facto para nos pregar partidas. Telefonom por vezes de um bar a pedir ambulância para um determinado local e, quando lá vai o carro, não encontra ninguém».

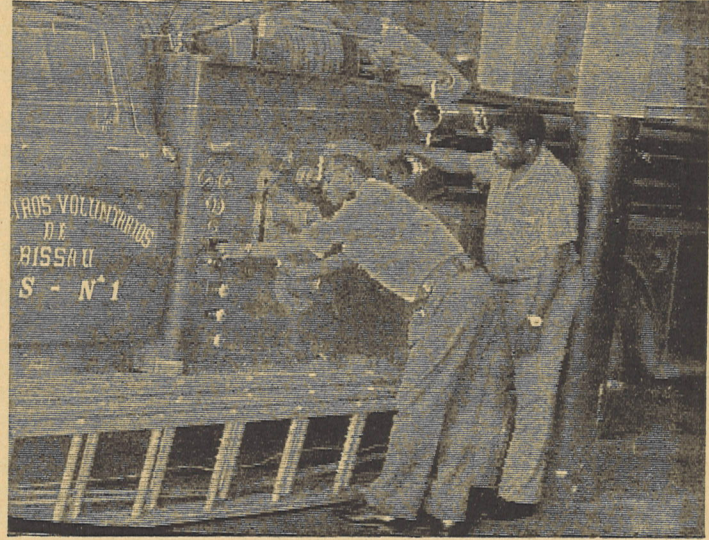
Ultimamente, os partos dentro da ambulância durante a evacuação para o hospital têm sido frequentes. A equipa de evacuação dos Bombeiros Humanitários de Bis-

sau — B.H.B. — tem presenciado estes acontecimentos e dado a sua colaboração. O comandante João Zacaria explica que isso se deve, por um lado, às dificuldades que várias pessoas residentes nos bairros afastados do centro da capital têm em entrar em contacto com os seus serviços permanentes de escuta. Por outro lado, este facto deriva da falta de conhecimentos por parte da maioria das nossas mulheres dos respectivos períodos de parto. Todos estes condicionamentos, têm estado na origem desses acontecimentos (partos dentro da ambulância durante o percurso).

Falando ainda da evacuação, o camarada João Zacaria sublinharia que a maior parte dos evacuados tem-lhes exigido que os transportem, depois de tratados, para as suas residências. Contudo, essas exigências não têm sido satisfeitas, visto os B.H.B. disporem apenas de uma ambulância de evacuação, podendo esse serviço de retorno pôr em causa certas solicitações de urgência.

«Nós limitamo-nos a fazer a evacuação, competindo o serviço hospitalar de pôr os doentes nas suas respectivas casas. Aliás, tive uma conversa com o responsável dos Assuntos Sociais sobre a questão de evacuação, porque não compreendia a razão porque o hospital só põe a circular uma ou duas ambu-

lâncias de evacuação. Ora, a explicação desse camarada foi que, para além do mau estado da maior parte das nossas estradas, têm ainda o problema de certos condutores seus não terem noção de responsabilidade. Alguns daqueles carros estão constantemente na oficina mecânica, e é para não correrem o risco de ficarem



Cuidar bem do material existente, a fim de tirar dele um maior proveito, é uma das preocupações dos B.H.B.

sem nenhuma ambulância de evacuação que tomaram essa medida de prevenção, pondo somente aquele número de viaturas a circular».

INSTALAÇÃO DE POSTOS NO INTERIOR

A instalação de novos postos de bombeiros nas capitais das regiões do interior do país está inserida em vários projectos que o nosso Estado irá levar a cabo nos diferentes pontos do interior. Esses projectos, quando estiverem concluídos, requererão naturalmente uma segurança bastante especial, sobretudo contra os incêndios. Para um melhor estudo das realidades de cada região e entabular conversações com os respectivos presidentes sobre a possibilidade da criação destes postos, uma delegação dos B.H.B. percorreu há pouco tempo quase todas as regiões do país, exceptuando as do sul. «Depois dessas visitas, elaborámos um documento que submetemos a apreciação do nosso Governo.

«Fizemos uma selecção dos locais onde devemos instalar os primei-

ros postos. São eles: Bafatá, Cacheu e Cufar» — explicou o comandante dos B.H.B., para logo a seguir frisar que, mais tarde, depois de ultrapassadas certas dificuldades, este trabalho será alargado a todas as regiões, mas sob um método selectivo. Quer dizer, escolher-se-á o sector cujas condições estratégicas irão permitir que

respectiva região seu posto.

Até aqui, o recrutamento do pessoal do exército da paz é processado da seguinte maneira: primeiro, um anúncio na rádio depois os candidatos vão além da documentação que lhe é exigida entre ela o certificado de habilitações da 4.ª classe, são submetidos a uma inspecção médica. Depois de tudo isto, os candidatos aprovados passam a uma inspecção médica na primeira fase de formação, ou seja, para um curso cuja duração é de 3 meses. Durante o seu funcionamento são ministradas matérias, entre outras, técnicas e a prática de bombeiros e a formação política e ideológica, pois deste período de formação, os aprovados passam ao posto de bombeiro e, a partir daí, passam a gozar do direito de subir de escalão. Os candidatos que não passaram nos concursos para a formação das vagas vão aparecendo.

SUBSÍDIOS E IMPLANTAÇÃO DE ESTRUTURAS

«Vivemos de subsídios concedidos pelo Estado para assistência

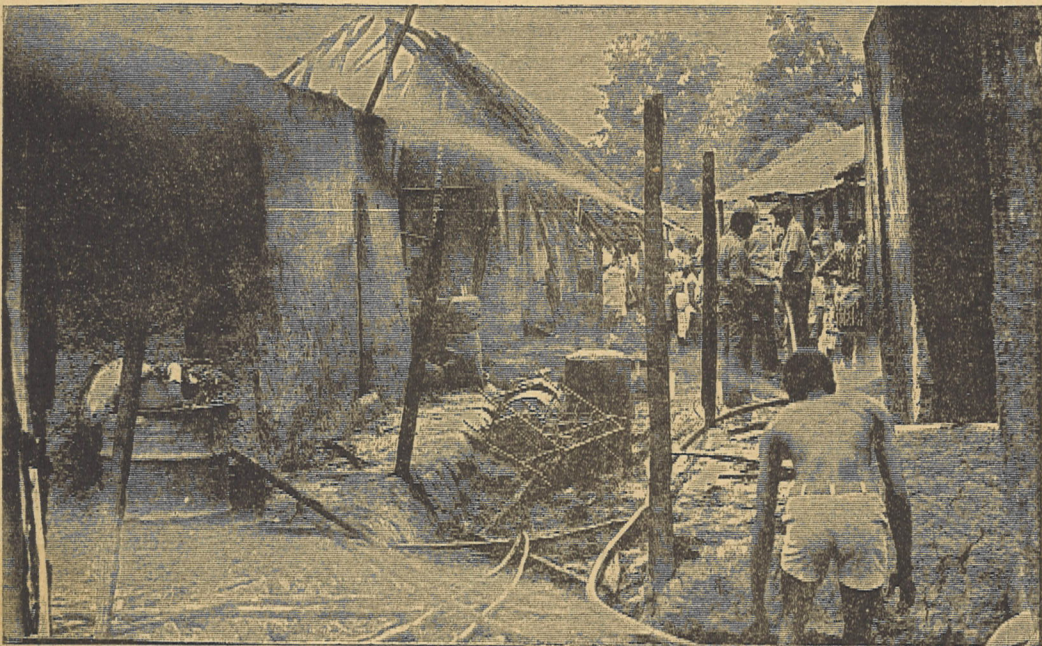
A força de uma vontade

A primeira unidade de bombeiros criada na nossa terra foi em Bolama, onde funcionou até 1947, a partir de então a cidade de Bolama deixou de ser capital do país, então sob ocupação portuguesa.

Mais tarde, em Bissau, coube a António Batista da Luz a proeza de criar em 1950, a primeira unidade de Bombeiros de Bissau que funcionou nos seus primeiros anos, junto às bombas de gasolina, mais propriamente no bairro de Gambeafada. Ele conseguiu assim, dar o primeiro sinal de vida desta corporação em Bissau utilizando na extinção de incêndios uma viatura velha por ele adquirida. Aliás, para estas tarefas contava com os serviços do condutor Hipólito da Silva, que ganhava nessa altura 150 pesos por mês.

Batista da Luz só veria satisfeitos os seus desejos se pois que as autoridades coloniais consentiram a criação de uma verdadeira unidade dos então Bombeiros Voluntários de Bissau. Aliás, a autorização só foi conseguida depois de um incêndio que arrasou, no bairro de Chão de Papel, 29 casas. Foi assim que as instalações da única unidade de Bissau, foram criadas.

Os primeiros homens daquela corporação trabalhavam a título voluntário, sem remuneração. Tinham outra ocupação onde ganhavam o seu pão, e só quando havia tarefas em que era necessário a intervenção dos bombeiros, cuja ocupação se limitava à vida daquela corporação, sistema impedia que fossem cumpridas cabalmente as funções que cabem a um verdadeiro corpo de bombeiros. Com o decorrer do tempo, esta situação viria a tomar outro rumo, dando lugar à criação de um corpo de Bombeiros de Bissau, que funcionou nos seus primeiros anos de existência. Este facto viria a ser uma das principais causas que originou a mudança do nome de Bombeiros Voluntários para Bombeiros Humanitários de Bissau.



Salvamento de vidas e extinção de incêndios nos bairros — os soldados da Paz sempre ao lado das populações

DE
Z

aviões, subvenção do Comité de Estado da Cidade de Bissau, subsídios concedidos pela Junta Autónoma dos Portos da Guiné, Caixa Económica Postal e pelo Banco Nacional da Guiné-Bissau, os quais dão uma soma total de 3.423.460 pesos anual. Por outro lado, temos receitas diversas, nomeadamente do desentupimento das fossas e serviços nas salas de espectáculos, cuja receita média é de cerca de 168.800 pesos anualmente. No entanto, existem perspectivas de virmos a ser enquadrados no orçamento do Comité de Estado da Cidade de Bissau — afirmou o camarada João Zacaria Pereira.

No que diz respeito às estruturas daquela corporação, o nosso interlocutor afirmou que, para criar um novo sentido de responsabilidade em todos os camaradas, o comando dos B.H.B., em colaboração com um técnico cooperante cubano, encontra-se empenhado na elaboração de estruturas que irão permitir não só uma melhor eficácia no aspecto organizacional, mas também um espírito preventivo contra os incêndios. «Como se sabe — explica João Zacaria — há incêndios originados por combustão espontânea. Esse tipo de incêndio derivado de certos produtos e artigos — mantas, mancarra, etc. — que, fechados num local durante muito tempo, podem incendiar-se sem que ninguém lhes tenha posto fogo. Já ocorreram este tipo de incêndios no nosso país, respectivamente em Bafatá (1964) e há uns tempos não muito recuados, nos armazéns da Alfândega. A nossa prevenção incidirá precisamente neste tipo de casos. através de vistorias (trimestrais ou anuais) aos armazéns de vários departamentos estatais, onde são guardados diferentes artigos e produtos, dando instruções sempre que nessas vistorias descobrirmos qualquer anomalia, em vez de ficarmos à espera que nos chamem para irmos extinguir o fogo».



Camarada Arlete Cabral ao ser abordada pelo «Nô Pintcha»



Formar mulheres para ensinarem outras mais tarde é um dos objectivos da «Casa-Mãe»

Casa da Costura da Comissão Feminina dois anos de produção em que a politização não foi esquecida

Desde há cerca de dois anos, que se encontra em pleno funcionamento na cidade de Bissau uma «Casa-Mãe» de costura da Comissão Feminina do PAIGC, que visa formar mulheres capazes de transmitir seus ensinamentos a outras, mais tarde.

Esta casa conta com 16 trabalhadoras efectivas, para além de outras lá se encontram a título de aprendizagem.

Idênticas casas de costura foram criadas noutros pontos do país, e já há uma cooperativa de costureiras em Bolama.

Na visita que fomos fazer a este local, tivemos uma breve conversa com a camarada Arlete Cabral, que é responsável financeira da «Casa-Mãe».

«N.P.» — Esta casa de costura da Comissão Feminina do PAIGC é só em Bissau ou há mais por exemplo, no interior do país?

A.C. — A casa de costuras, não existe só em Bissau, também existem espalhadas pelas algumas localidades do interior tais como Cacheu, Cantchungo e Bolama, onde já existe uma cooperativa.

«N.P.» — Há quanto tempo existe esta casa?

A.C. — Desde Dezembro de 1976, portanto há dois anos.

«N.P.» — Com quantos trabalhadores está a contar presentemente?

A.C. — A casa tem 16 empregadas com um ordenado mensal e, fora desse número, nela se encontram também algumas meninas que aprendem a costurar. Adiante que já conseguimos atingir alguns dos nossos objectivos, que é o de ensinar, porque algumas meninas já costumam bastante bem.

«N.P.» — Mas parece-nos que, no início, vocês não dispunham de meios necessários para pôr em execução as vossas tarefas, não é verdade? E como conseguiram?

A.C. — Sim, no início nós não dispunhamos de nenhum meio a não ser alguns artigos e material trazidos das zonas libertadas. Esse material era-nos oferecido pelas organizações femininas e partidárias de outros países. E, como a nossa organização é do Partido, foi o mesmo quem nos deu a casa — a ex-sede da JAAC — para que nos alojássemos.

«N.P.» — Como são vendidas as peças de vestuário que fazem?

A.C. — Vendemos mais às lojas de Bissau. Geralmente vendemos tudo aos comerciantes. Mas aproveito a oportunidade para alertar os clientes de que é preferível virem comprar directamente à nossa casa, porque lhes fica mais barato do que indo às lojas.

Até porque um dos nossos objectivos é conseguir mais espaço para pudermos ter lugar onde os clientes possam vir comprar e onde possamos proporcionar-lhes também uma exposição dos artigos produzidos, coisa que ainda não temos. Temos muitas coisas que estão amontoadas num quartozinho, por falta de espaço.

«N.P.» — Quais as principais dificuldades na aquisição de tecidos, linhas e a matéria-prima em geral?

A.C. — Não temos tido dificuldades nesse aspecto, porque as mulheres dos países amigos sempre nos ofereceram tecidos, linhas e outros materiais necessários para o funcionamento das nossas alfaiatarias, e também compramos nas lojas.

«N.P.» — Que tipo de costuras fazem?

A.C. — Produzimos vestuários para crianças, desde bebés até aos 14 anos.

«N.P.» — Como são ven-

«N.P.» — A que outras actividades se dedicam, para além de costura?

A.C. — Como nesta casa se agrupam mulheres da Comissão Feminina, é claro que para além de costurar, participamos em todas as actividades que dizem respeito à nossa Organização: reuniões políticas e de trabalho e tudo o que se relaciona com as «mandjuandades».

«N.P.» — Sabemos que existem por aí jovens que não sabem costurar... Não vão à escola porque realmente não há lugares para todos, portanto elas ficam por aí sem fazer nada. Será que esta casa continua aberta para mais ou...?

A.C. — Sim, a casa de costuras da nossa organização, continua aberta a todas. Tanto assim que tem o nome porque o nosso objectivo é da «casa-mãe». Casa-mãe, fazer com que venham mais mulheres aprender e, assim que estiverem aptas, se quiserem podem sair e irem criar as suas casas de costura, ensinando mais outras. E, repito, ela continua aberta a todas quantas quiserem.

Palestina: O fusil e a mão do operário

Samed, Instituto dos filhos dos mártires, foi criado em 1970 por ocasião do quinto aniversário da Revolução palestina.

Desenvolveu-se desde então para tornar-se o verdadeiro embrião de um sector económico adaptado às condições e às necessidades do povo palestino em luta.

Pelas suas estruturas e pelos princípios que valoriza, este instituto representa a vontade da Revolução palestina de lançar desde já as bases de uma economia de auto-suficiência que será a da Palestina libertada.

O boletim da O.L.P. «Palestina» pediu a alguns quadros da Samed para lhe exporem as suas actividades.

P.: — Que papel desempenha o órgão de Informação e de Orientação entre os operários da Samed?

Responde Khola, quadro do Centro de Informação e Orientação da Samed.

R.: — Despertar a consciência política nos operários; é uma das nossas principais ac-

tividades. Organizámos sessões de Educação Política; a última, que durou 6 meses, abordou o capítulo da história da Palestina e das etapas da luta palestina.

Nela foram evocadas as actividades dos diversos movimentos de libertação no mundo.

Organizámos estágios de formação profissional e damos aulas de alfabetização aos nossos trabalhadores, entre os quais 60 por cento são anal-fabetos.

P.: — Qual é o lugar da Samed na economia palestina?

R.: — Samed é o ponto de partida da economia palestina. A instituição assume grandes responsabilidades neste domínio. Ela emprega a mão-de-obra palestina em 19 fabricas e oficinas instaladas no Líbano, combatendo deste modo o desemprego que atinge as massas. Durante a guerra civil libanesa, as oficinas funcionaram ininterruptamente. Pode-se mesmo dizer que o número de unidades de produção aumentaram durante este período.

Samed constitui grandemente para o bem-estar da população palestina.

P.: — Quais são os vossos projectos para o futuro?

R.: — Temos, de acordo

com a secção dos «Estudos Palestinos», vários projectos em preparação:

- Aprendizagem profissional dos quadros de Samed.
- Cursos de especializações da mão-de-obra em certas unidades de produção.
- Aulas diárias de alfabetização.
- Sessões permanentes de educação política e militar para todos os quadros da Samed.

Mouhamed Afifé, trabalhador da oficina dos três mártires (Kamal Nasser, Kamal Adouan e Abou Youssef) de pronto-a-vestir, disse-nos: trabalho na Samed desde 1973. Sou eu que sustento a família e é graças à Samed que

consigo superar as dificuldades engendradas pela minha situação de refugiado.

NA PRODUÇÃO E NA GUERRA

Pode-se dizer que a instituição toma uma parte verdadeiramente activa na luta do povo palestino. Entretanto, temos quase todas as actividades políticas e militares fora do trabalho quotidiano. É assim que na ocasião da última agressão israelita ao sul do Líbano, peguei numa arma e juntei-me às forças armadas da Revolução palestina, do mesmo modo que os outros combatentes. Quanto às minhas actividades políticas, sou

(Continua na página 6)

Luiz Cabral no 1.º aniversário da Escola Central de Ténis

Comemorou-se no passado dia 23 do corrente mês, no «court» de ténis da Dicol, os festejos do 1.º aniversário da criação da Escola Central de Lawn Tennis da Guiné-Bissau. Entre os convidados presentes encontrava-se o camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, e vários outros membros do Governo, e responsáveis de alguns sectores do desporto nacional.

Precisamente há um ano, inaugurámos a nossa primeira escola de Lawn Tennis na Guiné. Inaugurámo-la com um pequeno grupo de alunos, mas com toda a confiança e esperança que depositávamos no nosso camarada professor Nuna. Por isso, no dia de hoje, queremos felicitá-lo, porque provou que tudo aquilo que tem como sabedoria e como força, foi posta por ele à disposição da Escola, e o resultado é o que vemos nestes jovens aqui presentes — afirmou o camarada Presidente na sua breve intervenção durante os festejos.

A Escola Central de Lawn Tennis conta, presentemente, com cerca de uma centena de alunos de diversas classes, em plena actividade, durante praticamente 10 meses de prática. E o camarada Presidente referindo-se a este facto, salientaria: «vamos fazer do ténis mais um instrumento pa-

ra a formação do homem novo que queremos na nossa terra».

O camarada Carlos de Oliveira (Nuna), com base numa dedicação sem limites, como professor e, ao mesmo tempo, dirigente da Escola, que está sob a tutela do Conselho Superior dos Desportos, e sob atenta supervisão do camarada Presidente Luiz Cabral, como aliás diria o instrutor no seu discurso de abertura — organizou e estruturou a escola, promoveu torneios, tudo com «cabeça, tronco e membros», factos da qual conseguiram canalizar para o ténis um tão considerável número de jovens praticantes.

O camarada Presidente, assim como o professor Nuna, salientaram o prestígio de que a escola já disfruta, prestígio esse que se materializou na recente deslocação de uma equipa de jovens ténistas da Escola à Líbia, onde teve, durante as suas actuações, um comportamento «muito bom» conforme o classificou o professor Nuna. Na Líbia, a Escola Central de Lawn Tennis da Guiné-Bissau foi admitida como membro da Confederação Africana de Ténis.

O mestre Nuna disse a dado passo do seu discurso que o ténis é uma modalidade, não só salutar, mas fundamentalmente educativo e escolar. Daí que e acrescentaria que

«trabalharemos afinadamente para fazermos do ténis um desporto de massas». Por outro lado, ele não se esqueceu de, em nome da Escola, manifestar o seu reconhecimento pelo grande apoio prestado ao ténis por diversas embaixadas acreditadas no nosso país e algumas casas comerciais e os tenistas de Bissau.

Em poucas mas significativas palavras, e em nome dos alunos da Escola, o aluno Rui Ribeiro falou da relação entre a escola e educação, onde salientou a desmistificação da ideia que predominava na época colonial, de que o ténis é uma modalidade desportiva que está só ao alcance das classes abastadas. A Escola de Lawn Tennis de Bissau já provou o contrário. Aliás o professor Nuna diz sempre: «bastam um par de sapatilhas, camisola e calção, dos mais baratos. O resto é com a Escola». A concluir, Rui Ribeiro agradeceu aos nossos dirigentes, para que continuem a apoiar a Escola de Ténis que já se tornou uma realidade, «dado que, nem sempre, a boa vontade chega para concretizarmos o nosso desejo».

Durante a festa, o camarada Presidente Luiz Cabral procedeu a entrega de prémios a alunos das classes de cadetes e júniores da Escola, na qualidade de vencedores do torneio FARP de Ténis.

Guiné-Bissau e o Senegal intensificam relações

A delegação do nosso Governo, que participou na quarta sessão da grande Comissão Mista guinéu-senegalesa que decorreu em Dakar de 19 a 22 de Dezembro, regressou ao nosso país, no passado sábado. Esta nossa comitiva, chefiada pelo camarada Victor Saúde Maria, membro do CEL do Partido e Comissário de Estado dos Negócios Estrangeiros, era integrada por quinze membros, representando os mais diversos sectores da actividade estatal. Nela se destacava o camarada Cândido Monteiro, nosso embaixador no Senegal.

Por seu lado, a delegação senegalesa era conduzida pelo ministro senegalês dos Negócios Estrangeiros, Mustafá Nhassé, integrando ainda outras personalidades, nomeadamente, o ministro da Educação, Abdel Kader Fall e o embaixador do Senegal na Guiné-Bissau, Kebá Birane Cissé.

No termo dos trabalhos foi publicado um comunicado conjunto, no qual se sintetiza os resultados obtidos pelas duas delegações no decurso desta quarta sessão da grande Comissão Mista. As duas partes verificaram com satisfação, no decorrer dos trabalhos, a evolução da cooperação entre os dois países, ao mesmo tempo que realçaram a necessidade de a reforçar cada vez mais, tanto no plano bilateral como no multilateral.

Após a adopção da ordem do dia, foram constituídas duas comissões de trabalho uma encarregada de examinar as questões políticas, culturais e sociais e outra responsável das questões económicas e técnicas.

No que concerne à cooperação política, cultural e social, as duas partes insistiram na necessidade de se atingir uma concertação permanente e regular que se vai instaurando de ano para ano, entre os dois governos, nas bases traçadas pelos presidentes dos respectivos países. Ainda, foi adoptado e assinado um protocolo de trocas culturais para o ano de 1979. Sobre as questões económicas e técnicas, as duas partes preconizaram ao mesmo tempo medidas com vista a intensificar a cooperação nestes sectores. É as-

sim que, no plano comercial, novas listas de produtos foram elaborados, tendo em conta as possibilidades de trocas entre os dois países.

No quadro das relações aduaneiras, as administrações dos dois países prestarão assistência mútua com vista a lutar eficazmente contra a fraude no domínio das trocas. As duas partes engajaram-se a tudo fazer no domínio dos transportes, da agricultura e das pescas tendo sido assinada e adoptada uma convenção neste último domínio. Esta Convenção deverá ser completada por um protocolo que será elaborado no decurso duma reunião de peritos, que será convocada num período julgado conveniente.

PROTOCOLO DE TROCAS CULTURAIS

Em aplicação do acordo assinado em Bissau, a 8 de Janeiro de 1975, entre os dois governos, ficou assente, entre outras, que no domínio da cultura, as duas partes promoverão trocas de informações e de investigadores entre os arquivos nacionais, culturais, o Instituto Fundamental da África Negra (IFAN), o Centro de Estudos das Civilizações e os organismos guineenses similares. No domínio da educação, relativo ao ensino superior, a parte senegalesa concederá cinco bolsas anuais a cidadãos guineenses.

Ainda foram assinados acordos no domínio da informação e de acção social, juventude e desportos, da condição feminina e promoção humana.

Por outro lado, foi assinada uma convenção no domínio da pesca marítima. As duas partes conceberam vários artigos que regem esta convenção. O artigo 3.º determina que as licenças de pesca consentidas por cada um dos Estados aos navios estarão postas à disposição do governo do outro Estado. O artigo 9.º diz que uma reunião dos especialistas dos dois países determinará os critérios da nacionalidade dos navios, as modalidades da concessão das licenças e o desembarque. Estas cláusulas serão consignadas num proto-

colo anexo ao presente acordo.

O presente acordo entrará em vigor, na data fixada pela troca de instrumentos de ratificação confirmando que foi aprovado conforme os procedimentos constitucionais em vigor em cada um dos Estados. Fica concluído com a duração de um ano a partir da data da entrada em vigor e será renovável por períodos iguais.

Entretanto, o camarada Victor Saúde Maria em seu nome pessoal e no da delegação que o acompanhava exprimiu os seus sinceros agradecimentos ao governo e ao povo senegaleses pelo caloroso acolhimento de que foram alvos. Mustafá Nhassé foi convidado a efectuar uma visita oficial à Guiné-Bissau, a qual foi aceite e sendo a data fixada por via diplomática.

Anúncio

AVISO

Atendendo à subida de preço do barril de cerveja e à prática indiscriminada nos preços de cerveja a copo, por parte dos bares e cervejarias:

O Comissariado de Estado do Comércio, Indústria e Artesanato, por intermédio da «Divisão de Custo e Preços», estipula os seguintes preços a serem praticados na venda de cerveja a copo, segundo as seguintes capacidades. Copo de.: 20cl — 7,00 PG; 25cl — 8,50 PG; 30cl — 10,00 PG; 33cl — 11,00 PG; 1/2 l — 17,00 PG; 1l — 34,00 PG.

Esclarece-se que estes preços não incluem a taxa de turismo.

O fusil e a mão do operário

(Continuação das centrais)

secretário do Comité revolucionário da nossa oficina. A minha tarefa consiste em mobilizar politicamente os trabalhadores, por um lado, e ajudá-los a resolverem os seus problemas sociais, por outro.

De resto, os operários da Samed são tratados como iguais no trabalho da instituição. Consideram que as instalações de produção são propriedade do povo e que cada um deles é responsável por elas. O operário acha natural compensar as eventuais horas de trabalho perdidas com uma intensificação de produção.

Fatmé Sheriff, jovem operária da oficina de artesanato, falou-nos do seu trabalho.

— Sou operária na oficina de artesanato do mártir Kanafani. Quando comecei, éramos só quatro na oficina. Hoje somos quarenta, os quais dez mulheres, e trabalhamos em perfeito entendimento.

Os operários consideram que o trabalho da Samed faz parte da luta palestina. Do seu lado, a instituição assume as suas responsabilidades perante o nosso Povo, fornecendo-lhe os meios de existência suficientes para resistir.

Pela minha parte, ocupo, além do meu trabalho no Samed, funções políticas. Sou

membro do comité revolucionário da nossa oficina e represento os meus companheiros. Cada grupo de dez trabalhadores é representado por um membro do comité. É assim que, com três outros responsáveis, tentamos resolver os diferentes problemas dos meus companheiros. Por exemplo, dou aulas diárias de alfabetização a três operários. Organizamos sessões de discussões políticas nas quais participam todos os operários. Somos nós mesmas, as mulheres, a tomar a iniciativa de efectuar preparações militares.

Hasna Iraki, responsável da célula principal dos comités sindicais revolucionários e operária da oficina de costura dos mártires de Tall El Zaatar, em Damou:

— Desde que me engajei, em 1969, no movimento de «Fatah», adquiri uma vasta experiência política e revolucionária. Isto ajudou-me a desempenhar plenamente a tarefa que me é confiada: fui eleita, entre sete candidatos, membro e secretária do comité revolucionário da oficina de costura em Damou.

Com mais quatro, representamos quarenta mulheres, ou seja, o conjunto de operários da nossa oficina.

Quanto ao papel dos comités sindicais revolucionários, consiste em representar os trabalhadores tanto no interior como no exterior das oficinas. Note-se que esta experiência, adoptada pelos países socialistas, nunca foi aplicada num país árabe, senão na Revolução palestina. As missões dos comités resumem-se ao que se segue:

— Confirmação do slogan que diz que «o trabalhador de Samed está consciente do seu papel na produção e na responsabilidade no trabalho». Ele é também «militante político e social e adere plenamente aos princípios da Revolução palestina e executa as tarefas nacionais que lhe incumbem».

Os comités trabalham para despertar a consciência política dos operários.

Eles esforçam-se para resolverem os seus problemas sociais e profissionais permitindo-se o reforço das relações entre a direcção e as unidades de produção.

Estes comités sindicais revolucionários contribuem com eficácia para assegurar o progresso, em todos os planos, dos trabalhadores de Samed.

Vai ser renovada a Convenção de Lomé

Vasco Cabral regressou de Bruxelas

O camarada Vasco Cabral, Comissário de Estado da Coordenação Económica e Plano, regressou no sábado passado de Bruxelas, capital belga, onde participou em várias reuniões da ACP (África, Caraíbas e Pacífico), em que foram discutidas directivas para as negociações com a Comunidade Económica Europeia, com vista a renovação da Convenção de Lomé. Neste âmbito, as duas comunidades ACP-CEE tiveram reuniões conjuntas, de coordenação.

No âmbito da cooperação bilateral entre o nosso Governo e a CEE, o camarada Vasco Cabral

teve contactos com membros da comunidade, particularmente com o Comissário Cheysson, com quem discutiu questões referentes ao projecto regional comum, entre o nosso país e a Guiné-Conakry, para a construção de uma estrada que ligará Bambadinca a Boké. O camarada Vasco Cabral apresentou ainda ao Comissário Cheysson, várias outras propostas e projectos de grande importância económica para o nosso país.

Nos contactos que teve, em nome do nosso Governo, com o grupo de coordenação das organizações não-governamen-

tais, em Bruxelas, Vasco Cabral apresentou a este, vários projectos que tiveram aceitação; projectos esses para o país, que são: montagem de novos ciclos para cereais, melhoria da Escola Piloto e internatos. Dos projectos já aprovados para execução encontram-se os de construção de escolas de 2.º ciclo de ensino secundário, assistência para os serviços básicos de Saúde, desenvolvimento da horticultura. Por outro lado, o camarada Vasco Cabral conseguiu financiamento, por um banco belga, para a compra de 20 novos autocarros para a «Siló Diata».

A Africa e o Mundo

Um terço da Turquia sob o estado de emergência

O estado de emergência vigora desde segunda-feira a noite em 13 departamentos da Turquia. Esta medida foi tomada pelo conselho de ministros turco, na sequência dos sangrentos tumultos verificados no fim da semana em Kahramanmaraş, e que provocaram a morte de mais de cem pessoas.

O Primeiro-Ministro Bulent Ecevit anunciou que nem todos os mortos foram vítimas dos incidentes do fim de semana. «Alguns cadáveres foram descobertos em certas casas pelas unidades de exército», acrescentou.

Ecevit sublinhou que o estado de emergência, que se prolongará por dois meses permitirá «reforçar o regime democrático e liberal e restabelecer calma no país». Com excepção de Istambul e de An-

kara, a medida atinge os departamentos do centro e leste.

O chefe do governo turco responsabilizou os partidos da direita pelos incidentes de Kahramanmaraş. «Certas pessoas estão prontas a pôr a democracia em perigo, a bloquear o regime, e mesmo a dividir a nação turca a fim de derrubarem o nosso governo». E acrescentou, «parecem estar decididos a lançar a sua acção final antes que sejam tomadas novas medidas pre-

paradas pelo governo para lutar contra a anarquia».

Desfiles de protesto pedindo a proibição do Partido da Acção Nacionalista (direita) e a dissolução das «Associações do Ideal», movimento próximo do PAN, tiveram lugar segunda e terça-feira nas principais cidades universitárias da Turquia. 16 estudantes foram feridos no campo de Beytepe (Ankara) quando protestaram contra os tumultos de Kahramanmaraş.

Em Istambul, os alunos do ensino secundário e superior boicotaram as aulas e a universidade foi encerrada. Idênticas manifestações tiveram lugar em Izmir. — (FP)

Nigéria: admitidos cinco partidos políticos

LAGOS 26 — Cinco partidos políticos foram oficialmente admitidos na Nigéria pela Comissão Eleitoral Federal (FEDECO), que deu assim partida à campanha presidencial que terá lugar no próximo ano e que será a primeira desde há 15 anos, com o objectivo de formar um governo civil.

Segundo a comissão, o Partido Nacional Nigeriano (NPN), o Partido do Povo da Grande Nigéria (GNPP), o Partido Unificado da Nigéria (UPN), o Partido do Povo da Nigéria (NPP) e o Partido da Redenção do Povo (PRP) preenchem as condições necessárias que

exigem entre outras obrigações, a presença do partido em questão em pelo menos 13 dos 19 Estados federados, com direcções regionais eleitas.

O presidente da Comissão Eleitoral Federal, chefe Michael Ani, indicou na sexta-feira passada que, durante os três meses que a actividade dos grupos políticos não esteve limitada pela regulamentação, a comissão tinha registado 52 partidos nascentes. Entre estes, 35 retiraram um formulário de candidatura e 15 devolveram-no à comissão sem o ter preenchido.

SEKOU TOURÉ VAI A MARROCOS

RABAT 23 — O presidente da República da Guiné, Ahmed Sekou Touré efectuará brevemente uma visita de três dias a Marrocos, indicou no sábado a agência «Magreb-Arab-Press», num telegrama de Conakry. A agência oficial marroquina, citando uma «fonte segura», precisou que esta viagem realizara-se no final de uma digressão que o chefe de Estado guineense efectuará em Janeiro próximo pela Arábia Saudita, Tunísia, Síria e Líbia. — (FP)

EMBAIXADOR DO SUDÃO NA ETIÓPIA

ADDIS-ABEBA 23 — Depois de um vazio de quase dois anos, o posto de embaixador do Sudão na Etiópia foi novamente ocupado. O seu novo titular, Mirghani Suléiman Khaled, encontra-se desde sábado na capital etíope. O anterior diplomata fora chamado de volta no início de 1977, quando aumentou a tensão entre a Etiópia e o Sudão. A chegada do novo embaixador coincide com os esforços desenvolvidos de parte a parte para a normalização das relações entre os dois países vizinhos. — (FP)

FORTES CICLONES NO MADAGASCAR

TANANARIVE 26 — Ventos violentos, atingindo 210 quilómetros por hora, provocaram na terça-feira, grandes danos materiais em Madagáscar, destruindo telhados e interrompendo comunicações telefónicas, embora, sem provocar vítimas. Trata-se do «Angele», primeiro ciclone tropical dessa zona do canal de Moçambique e do oceano Índico, que irrompeu anteontem de manhã na costa sudoeste da grande ilha, na altura da cidade de Morombe. A população fora avisada a tempo e afastou-se das zonas em questão. — (FP)

TCHAD: PROJECTO PETROLIFERO

N'DJAMENA 26 — O Banco Islâmico de Desenvolvimento dará ao Tchad três bilhões de francos CFA no quadro de um projecto petrolífero que prevê a construção de uma refinaria e de um «pipeline» numa soma total de um bilhão de francos CFA. Vários organismos de financiamento, entre eles o Banco Mundial, participaram neste projecto. — (FP)

REELEIÇÃO DO PRESIDENTE HABYARIMANA

KIGALI 26 — O general Juvenal Habyarimana foi reeleito do domingo com 98,99 por cento de votos para o cargo de presidente da República do Rwanda. As eleições de domingo, depois do referendo de 18 de Dezembro que viu a adopção da nova constituição, marca o «retorno às instituições normais», como tinha prometido o general Habyarimana em Julho último, e o fim do que era considerado um governo militar. — (FP)

PROBLEMA CIPRIOTA

NICÓSIA 26 — O presidente da República de Chipre, Spyros Kiprianou, declarou na terça-feira que a parte cipriota-grega estava «pronta a retomar as conversações inter-comunitárias no quadro da ONU, para demonstrar uma vez ainda a sua boa vontade». — (FP)

Conferência entre a OPEP e os países industrializados

—propôs a CEE

ABU DHABI 24 — A proposta do mercado comum europeu, de se realizar uma conferência urgente entre países produtores de petróleo e países industrializados prendeu a atenção da imprensa dos Emirados Árabes Unidos no domingo de manhã.

«Al-Ittihad» classificou este convite de «primeira reacção lógica» dos países industrializados depois do aumento de preço do petróleo bruto, decidido em Abu Dhabi. Esta iniciativa, precisou ainda aquele jornal, poderá constituir a base de um diálogo construtivo que irá por sua vez servir os interesses da economia internacional e da dos países produtores e consumidores de petróleo.

Por sua vez, «Al-Wahda» qualifica esta proposta de «tentativa com vista a separar a OPEP do grupo dos países em vias de desenvolvimento da qual ela faz parte». A resolução dos problemas de que sofre esta economia, considerou ainda este jornal, reside na «adopção de uma nova ordem assegurando uma repartição mais justa das riquezas, uma participação mais alargada desses países no comércio internacional, uma fixação mais equitável dos preços das matérias-primas e a livre transferência de tecnologia dos países em vias de desenvolvimento. (FP)

Guerrilha urbana avança no Zimbabué

LUSAKA — A ZIPRA braço armado revolucionário da Frente Patriótica do Zimbabué, introduziu na Rodésia importantes quantidades de armas destinadas à intensificação da guerrilha urbana, indicou anteontem o secretário de Informação da ZAPU, Willie Musarurwa.

Musarurwa declarou em Lusaka que a guerrilha urbana tem como objectivo o controle das principais cidades da Rodésia. Ele não precisou de que maneira essas armas haviam sido introduzidas na Rodésia, mas indicou que esta operação decorre há muito

tempo e que as forças da Z.I.P.R.A. infiltradas na Rodésia podem doravante combater eficazmente as forças de segurança rodésianas.

O Secretário de Informação da ZAPU afirmou: «Nós somos muitos na Rodésia e há muitos anos que reforçamos as forças de guerrilha da ZIPRA e lhe fornecemos armas. Dentro em breve controlaremos várias regiões do país.

«Criámos uma força de guerrilha urbana importante e a nossa presença militar em Salisbúria, Bulawayo, Gwelo, Umtali e nas outras cidades começa a ser sentida pelo ini-

migo» — acrescentou.

Entretanto, sabe-se, segundo informações não confirmadas, que oito ou onze aviões rodésianos que bombardearam uma escola militar da defesa nacional zambiana numa província do centro, na quinta-feira passada, foram abatidos pelas forças zambianas. 16 pessoas ficaram feridas no decorrer deste combate. O combate foi confirmado por um porta-voz do governo, mas este último recusou-se a dar os detalhes, contentando-se em precisar que «a defesa nacional zambiana controla a situação». — (FP)

Namíbia:

Swapo intensifica a luta contra a Africa do Sul

DAR-ES-SALAM — 26 «A África do Sul rejeitou o plano das Nações Unidas para as eleições na Namíbia, por isso, a Swapo intensificará a luta armada no território», declarou Peter Mwashinange, secretário para as relações exteriores do movimento.

«A impotência da ONU bloqueou todas as possibilidades de independência negociada e o problema deverá ser resolvido no campo da batalha», afirmou ainda num comunicado publicado pelo jornal governamental «Daily News».

Peter Mwashinange condenou neste comunicado a hipocrisia com a

qual os cinco países ocidentais do Conselho de Segurança (Alemanha Federal, Canadá, Estados Unidos, França e Grã-Bretanha) tentaram encontrar uma solução para o problema da Namíbia. «Eles esforçaram-se por bloquear o desenvolvimento da luta armada na Namíbia. A sua única preocupação era a salvaguarda dos seus interesses económicos na exploração dos minerais do território», sublinhou.

Por outro lado, a Swapo afirma ter morto duzentos soldados sul-africanos, abatido quatro helicópteros e cerca de quarenta veículos de combate, de Agosto a Outubro. (FP)

Irão para a exportação do petróleo

TEERÃO — A crise do regime iraniano acentuou-se ainda mais nas últimas 48 horas. Além das violentas manifestações políticas que prosseguem em quase todos os grandes centros urbanos do país, quatro mil e duzentos e doze operários da indústria petrolífera determinaram-se colectivamente.

As exportações de petróleo do Irão pararam completamente desde ontem. As demissões têm por objectivo opôr-se às

ameaças governamentais de processo perante um tribunal marcial por motivo de greves. Quinze pessoas foram presas na região petrolífera de Kuzestão.

No plano político, o impasse continua total. Golam Hosein Sadighi, antigo ministro do Interior do governo de Mossadegh, que avistou-se na segunda-feira com Xá, adiou para uma data posterior a sua decisão de formar ou não um novo governo civil.

As condições postas por Sadighi para formar um novo governo são: dissolução da política política «Savak», restituição ao Estado dos bens pessoais do Xá e dos bens da coroa, tendo pedido, também que a política petrolífera seja colocada sob o controle exclusivo do governo, ao mesmo tempo que exigiu que o Irão observe a maior neutralidade possível em relação a Israel e à África do Sul.

India

Indira Ghandi em liberdade

NOVA DELI 26 — Indira Ghandi, antigo chefe do governo indiano, foi libertada anteontem à tarde — de Tihar Jail — a prisão central de Nova-Deli, depois de uma semana de detenção.

Durante as manifestações de protesto que se seguiram à sua prisão em toda a Índia, 12 pessoas foram mortas pelas autoridades e 150 foram presas. Os dois Estados em que se verificaram maior número de detenções foram o Uttar Pradesh (30) e o Tamil Nadu (20).

Indira Ghandi foi calorosamente acolhida pelos seus adeptos à saída da prisão, e conta apresentar-se novamente no início do próximo ano na circunscrição do sul de Chikmagalur, que lhe tinha eleito no princípio do mês passado. — (FP)

Próximo-Oriente

Negociações egípto-israelitas recomeçam em Janeiro?

WASHINGTON 27 — As negociações tripartidas sobre o tratado de «paz» israelo-egípcio poderão recomeçar em Janeiro, na sequência da iniciativa do secretário de Estado americano Cyrus Vance, indicaram anteontem em Washington fontes próximas do Departamento do Estado.

Vance avistou no sábado em Bruxelas o Primeiro-Ministro egípcio Mustapha Kalil e o ministro sionista dos Negócios Estrangeiros, Moshe Dayan. Oficialmente, o Departamento do Estado, indicou na terça-feira o chefe da diplomacia americana, confia que uma «diplomacia discreta prevalecerá».

A reunião do conselho de ministros sionista e a declaração do Primeiro-Ministro Begin de que Israel poderia reabrir a discussão com o Egípto sobre esclarecimentos que devem ser feitos no próprio tratado, por uma troca de cartas, foram acolhidos na capital americana como indícios favoráveis.

Ignora-se o lugar onde as

negociações teriam lugar e a que nível. Mas, fontes seguras indicaram que Washington seria um lugar indicado de reunião e que os participantes seriam os mesmos de Bruxelas, isto é Vance, Dayan e Kalil.

OPINIÃO DE KADDOUMI

A cimeira árabe de Bagdad, à situação no Irão, as reservas dos países da Comunidade Europeia e, sobretudo, a oposição das populações dos territórios ocupados explicam, segundo a opinião de Farouk Kaddoumi (Abu Alutuf), chefe do Departamento Político da OLP, o impasse actual mas passageiro das negociações egípto-israelitas.

Numa entrevista concedida ao semanário inglês «Monday Morning», Kaddoumi considera que a cimeira de Bagdad acentuou a oposição dos países árabes aos acordos de Camp David assim como o isolamento do regime egípcio. — (FP)

Telegrama de condolências

O exemplo de um revolucionário

(Continuação da pág. 1)

vice-presidente. Em 1965 Houari Boumediene assume o poder como Presidente do Conselho da Revolução.

Assim, em dez anos, Boumediene passou da clandestinidade à luta armada e ao poder, sem repouso, com o sacrifício da sua própria vida privada. Ele identificou-se de tal forma ao seu ideal revolucionário e à independência do seu país que a sua biografia se confunde estreitamente com a do Estado que ele edificou.

Os princípios sobre os quais se apoiou foram conhecidos desde as primeiras proclamações do FLN em 1954 sendo os fundamentais, a independência económica e política.

O que o povo argelino esperava de todos os seus sacrifícios era uma vida de justiça social.

Para uma grande maioria, os camponeses, o objectivo era o controlo do seu trabalho, da sua produção, da sua terra.

Nos dias que se seguem a independência não se podia propriamente falar de um programa do governo, social ou económico. Mas as opções estavam vincadamente expressas pelo conjunto da população, constituindo as bases de um verdadeiro poder popular: elas conduzem a uma verdadeira independência social, económica e cultural.

A vida de Boumediene entrelaça-se de tal forma com a do Estado que, no dia da sua morte, o baianço do seu governo e também o da sua biografia.

Ele quis que a Argélia se engajasse num processo irreversível. numa entrevista recente, declarava que o seu regime sobreviveria ao seu desaparecimento — já se sentia condenado pela doença — e que «os seus herdeiros se encontravam nas fileiras dos jovens argelinos».

A acção de Boumediene manifesta-se desde 1965 no fortalecimento de uma administração de Estado que, nos primórdios da independência era incerta. Paralelamente, tornou «a partir do nada» — disse ele — uma indústria pesada e concretizou a decisão dos argelinos de serem senhores da sua terra ao nacionalizar todos os recursos naturais nomeadamente o petróleo e o gás natural.

A política em favor dos camponeses concretiza-se principalmente, pela «Revolução Agrária» — que concerne a maioria, a mais pobre, do povo argelino.

De certo, este programa ambicioso encontrou múltiplas resistências das quais muitas eram o produto da longa história colonial.

Na última fase da sua existência, Houari Boumediene fez-se ele próprio o propagandista o animador e o organizador da revolução agrária, ao mesmo tempo que incitava o povo a discutir as suas próprias instituições. E assim que em 1976 a «Carta do Povo Argelino» foi longa e geralmente discutida e modificada em toda a Argélia, sendo seguidamente adoptada. É a partir desta Carta que a nova constituição foi elaborada e adoptada.

Mas o que também conta para os africanos é, certamente, o apoio incondicional de Boumediene aos povos da África em luta pela sua libertação.

Os militantes do PAIGC, em especial os que se treinaram nos campos da FLN puderam testemunhar que jamais a Argélia faltou ao seu dever de solidariedade total na luta comum contra o colonialismo e o imperialismo. Houari Boumediene impôs-se o dever de permanecer fiel a este princípio sagrado, qual fosse o preço a pagar. Do PAIGC, do NIPLA, da FRELIMO à Polisário dos Saharais, é uma luta constante que ele sempre seguiu. A causa do povo palestino, problema internacional, foi sempre a sua causa.

Foi dito de Boumediene que ele possuía uma visão estratégica do mundo. As suas declarações por ocasião da sua deslocação à ONU em 1974 e em 1975, por ocasião da 1.ª Conferência Norte-Sul sobre a necessidade de estudar e estabelecer uma nova ordem económica internacional confirmaram a sua estatura de líder do não alinhamento. «Para nós — disse ele — não há conflito, não há confrontação entre o Ocidente e o Leste, mas sim entre o Norte e o Sul. O Norte, estava implícito, a zona dos países historicamente ricos.

A posição internacional da Argélia de Boumediene é a dos povos sempre em luta pela sua verdadeira independência.

A estatura política do Presidente Boumediene projectou-se para além das fronteiras do seu país. A sua contribuição para a unidade do Magreb, da África e do Mundo Árabe foi inestimável.

Boumediene ficará também na História do Terceiro Mundo como um dos defensores mais consequentes da política do Não-Alinhamento e no combate anti-imperialista.

No decurso dos três anos do seu mandato como Presidente em exercício dos Não-Alinhados, Boumediene conseguiu transformar esta Organização no grupo de vanguarda das conferências dos 77 para os países em vias de desenvolvimento, da OPEP e mesmo da Assembleia Geral das Nações Unidas assim como de outras organizações internacionais onde os Não-Alinhados representam uma maioria.

No dia da sua morte recordou-se que, numa entrevista, ele tinha declarado que a sua luta visava o «nascimento de um mundo mais justo». É por este mundo que os homens como Amílcar Cabral deram a sua vida, que homens anónimos se sacrificaram, que hoje e amanhã outros homens engajam e engajarão as suas esperanças.

Por ocasião do falecimento do Presidente argelino Houari Boumediene, o Secretário-Geral Adjunto do PAIGC e Presidente do Conselho de Estado, camarada Luiz Cabral, endereçou a Sua Excelência Rabah Bitat, Presidente interino da República Argelina Democrática Popular, um telegrama de condolências, cujo teor transcrevemos na íntegra.

«Profundamente emocionado pela triste notícia da morte do nosso irmão e amigo Presidente Houari Boumediene, cumpre-nos o dever de exprimir a Vossa Excelência e, por seu intermédio, ao Conselho da Revolução e ao Governo argelino, ao Partido — FLN, os sentimentos de condolências e solidariedade do nosso povo, da Direcção do nosso Partido e do Conselho de Estado. Nesta hora difícil, recordamos os instantes vividos junto do malgrado Presidente nas horas árduas da nossa luta de libertação nacional, que sempre mereceu a sua militante atenção e um interesse à altura dos nobres

sentimentos revolucionários do vosso povo para com os povos oprimidos e combatentes da liberdade de África».

«O desaparecimento do irmão combatente Houari Boumediene deixa portanto um vazio nos corações de todos

os combatentes da liberdade do nosso país, aproximando-nos cada vez mais do vosso povo nesta dolorosa circunstância para lhe transmitir, assim como aos seus dirigentes, a expressão da nossa profunda dor e a nossa certeza de que o exemplo total e de dedicação do Presidente Boumediene na defesa dos interesses do seu grande povo, inspirará as novas gerações, incitando-os a prosseguir sem desfalecimento a obra exaltante da edificação do vosso país de heróis e mártires da pátria seguindo o exemplo dos seus grandes filhos, de entre eles o digno combatente Houari Boumediene».

«Queira aceitar, Excelência, em nome da Direcção Nacional do Partido, do Conselho de Estado, do Conselho de Comissários de Estado e em meu nome pessoal, ser intérprete das nossas sentidas condolências junto da ilustre família enlutada».

Conselho de Comissários decreta 3 dias de luto nacional

Exprimindo o profundo sentimento do Povo da Guiné-Bissau pela perda do grande revolucionário Houari Boumediene, Presidente da República Democrática Popular da Argélia e Presidente do Conselho da Revolução, falecido nesta data.

No uso da faculdade que conferem os artigos 36.º e 37.º da Constituição, o Conselho dos Comissários de Estado, em homenagem à sua memória decide:

Declarar luto nacional em todo o território da Guiné-Bissau, por três dias a contar de hoje, 27 do corrente;

Mandar colocar a Bandeira Nacional a meia haste, em todos os edifícios públicos;

Encerrar todas as salas de espectáculos e recintos de diversões durante o luto nacional.

Promulgado em 27 de Dezembro de 1978.

O Presidente do Conselho de Estado, Luiz Cabral.
— O Comissário Principal, João Bernardo Vieira.



Rabah Bitat, presidente interino da República Argelina por um período máximo de 45 dias, apelou no seu discurso de investidura ao povo argelino «à disciplina, ao civismo e ao patriotismo» a fim de «superar o doloroso acontecimento que afecta a Argélia». Rabah Bitat que é o presidente ANP argelina prestou ontem juramento no Parlamento, comprometendo-se a respeitar a Constituição.

A doença de Waldenstrom

A doença que vitimou o presidente Houari Boumediene é um mal de extrema gravidade, conhecida apenas há 34 anos: a doença de Waldenstrom. Só foi descoberta em 1944, pelo professor suéco a quem deve o seu nome e que esteve à cabeceira do ilustre desaparecido. É uma afecção característica da bacia mediterrânica.

Próxima, em aparência, da leucemia, a doença de Waldenstrom apresenta-se como uma abundante proliferação, no tecido sanguíneo, de células que segregam uma gama-globulina de uma densidade anormalmente forte. Enfim, trata-se de um tumor maligno.

Ela ataca certos glóbulos brancos: os linfócitos elaborados pela medula dos ossos, e são os gânglios e o baço que asseguram a regulação em função das necessidades do organismo. Ora, nestas circunstâncias patológicas bem precisas, produzem-se anticorpos, necessários à imunização dos corpos humanos contra o efeito das agressões externas.

Mesmo se, em alguns dos seus traços, a doença se apresenta à primeira vista à leuce-

mia, a doença de Waldenstrom não é deste tipo, diferencia-se dela por caracteres específicos. Primeiro, ela não tem à primeira vista um aspecto generalizado, mas limita-se a certos tecidos ou órgãos. Além disso, começa habitualmente por se localizar nos gânglios, no que aparece como um tipo especial de sarcoma, formação tumoral de que estes órgãos constituem o lugar privilegiado de enraizamento. Mas não tarda a alargar-se ao baço e à medula dos ossos, evolue vários anos, e sobretudo, expõe um indivíduo a riscos de acidentes.

Até então, a doença de Waldenstrom continua praticamente incurável. Todos os tratamentos revelam-se ineficazes perante a evolução inexorável. Pode-se apenas atrasar o tempo de desenvolvimento do mal, determinar as melhoras e prolongar a sobrevivência. Mas os casos de cura são altamente improváveis, excepcionais, e inexplicáveis quando se registam. A doença pode ser tratada à base de transfusões sanguíneas, de hormonoterapia ou de «cortisona».

Luiz Cabral em Carache

(Continuação da pág. 1)

que têm confiança numa vida melhor em qualquer tabanca da nossa terra», entoou o Hino Nacional. Por outro lado o camarada Luiz Cabral foi homenageado, pelos internados, com um cesto e diversos pentes de pau por eles próprios manufacturados, acto que foi retribuído com a oferta de volumes de cigarros e de uma bola de futebol.

Estes mesmos internados foram incitados a trabalhar para que «se tornem válidos a si próprios e à sociedade. A liberdade, diria o camarada Luiz Cabral, tem que ser uma conquista de homem e da mulher».

Na pequena reunião ali improvisada, Luiz Cabral, várias vezes interrompido por salvas de palmas, salientou que haveria liberdade para todos os que quizessem, salientando no entanto, que «seremos duros, cada vez mais duros, para aqueles que roubam, que queiram ganhar dinheiro com o suor do nosso povo, que atentem contra o nosso povo».

«Uma das coisas que caracterizaram o tempo do colonialismo era que cada um cuidava de si próprio. Se alguém roubava só os coitados é que eram apanhados», observaria o presidente Luiz Cabral, para logo acrescentar que «naquele tempo quem «roncava» eram os Pides».

«Queremos uma terra em que cada um trabalhe e que usufrua do seu trabalho». Luiz Cabral manifestou a esperança de que todo o amnistiado demonstre, de facto,

que vale a pena trabalhar para que retorne à actividade como cidadão digno da Guiné-Bissau prometendo aos que ficam, fazer cada vez melhor por eles, no futuro. O presidente do Conselho de Estado aproveitaria para felicitar o Comissário de Estado da Justiça, camarada Fidélis Cabral D'Almada pela forma como tem conduzido a política jurídica nacional. Este, por seu lado, usou da palavra para reafirmar que Carache não é uma prisão mas que também não é um campo de descanso e que os internados terão que trabalhar muito para se reabilitarem. «Este centro demonstra a confiança que o nosso Partido e o nosso Governo depositam na recuperação do homem, trabalhando precisamente nesse sentido», diria Fidélis Cabral D'Almada anunciando igualmente a decisão do Governo em amnistiar 83 presos.

Recorde-se que os internados de Carache vivem em liberdade relativa em todos os domínios da vida. Eles mesmos procuram desenvolver actividades de artesanato e da lavoura cujo lucro da venda reveste para o melhoramento do campo.

ÚLTIMA HORA

Ramalho Eanes visita Bissau

O Presidente da República Portuguesa, General Ramalho Eanes, visitará oficialmente o nosso país, de 20 a 25 de Fevereiro próximo, a convite do Presidente do Conselho de Estado, camarada Luiz Cabral. A notícia foi ontem divulgada através de um comunicado do Comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros.